

## A FUNÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA EM IMPERATRIZ/MA

Alessandra Saraiva de Sousa<sup>1</sup>  
Dijan Leal de Sousa<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo aborda a importância do processo de formação de leitores com ênfase na função social da biblioteca e do bibliotecário como mediadores desse processo. Iniciamos o trabalho com uma breve abordagem, a partir de KLEIMAN (1995; 2011) e FREIRE (1987) sobre o processo de alfabetização, momento necessário e crucial para a formação de leitores, assim como as contribuições da habilidade de leitura e escrita para a vida dos indivíduos. Sob o referencial de CASTRILLÓN (2011), LAJOLO & ZILBERMAN (1996), buscamos compreender o processo de formação de leitores relacionando-o com a função social da biblioteca e a responsabilidade do bibliotecário como intelectual essencial para fomentar o acesso de livros aos leitores. O trabalho apresenta um relato de experiência a partir do desenvolvimento do Projeto Parada Literária, que teve como objetivo oportunizar o acesso de livros para usuários do transporte coletivo de Imperatriz/MA. A partir da análise, foi possível perceber, que apesar de dificuldades encontradas, são significativas as contribuições de práticas, por parte de bibliotecários, que busquem possibilitar o acesso à leitura como forma de oportunizar experiências que possibilitem a formação de leitores e de democratização do conhecimento.

**Palavras chave:** Formação de leitores. Bibliotecário. Projeto Parada Literária.

### INTRODUÇÃO

Aprender a ler pode ser considerado o primeiro passo no processo de formação de um leitor, sendo, geralmente, por meio da escola que este processo se inicia. Apesar de iniciar na escola, esta instituição social não tem exclusividade no desenvolvimento de práticas de leitura, sendo que outros espaços também podem se possibilitar práticas significativas para o leitor, dentre estes espaços, podemos destacar a biblioteca como local privilegiado e que muito pode contribuir no enriquecimento de boas experiências envolvendo os livros.

---

<sup>1</sup> Mestre em Administração – FEAD. Bibliotecária – UFMA alesandrasaraiva@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – Universidade Federal do Tocantins. PPGL/UFT. Dijan.leal@ufma.br

Biblioteca e bibliotecário precisam, a partir dessa perspectiva, assumir a função de mediadores entre livro e leitor, cabendo a estes a função de promover um ambiente acolhedor, se constituindo assim como corresponsáveis, ao lado da escola, do processo de formar leitores.

Neste trabalho objetivamos apresentar o espaço da biblioteca e a figura do bibliotecário, como fundamentais no enfrentamento do desafio da leitura, enfatizando o compromisso social que deve ser assumido, principalmente pelo bibliotecário, na promoção e divulgação da leitura à toda a comunidade, acadêmica e não acadêmica, e dessa forma buscar a superação de uma visão, tida pela maioria das pessoas, de que o mesmo é alguém que organiza os livros em espaço adequado para os mesmos.

## **ESCOLA: LUGAR DE APRENDER A LER**

Um dos grandes desafios do processo educacional está pautado no aprendizado da leitura e da escrita, processo denominado de alfabetização<sup>3</sup>, sendo este considerado, pela maioria dos professores alfabetizadores, o ponto de partida para que os indivíduos possam se apropriar do sistema linguístico em sua máxima amplitude de complexidades, e, mas especificamente a partir da alfabetização, almeja-se formar leitores.

O que acontece de fato, no entanto, é bem diferente do que se almeja. A grande maioria dos indivíduos alfabetizados, apesar de dominarem as habilidades de leitura e escrita, muito raramente se tornam leitores de fato, o que impossibilita os mesmos de compreenderem criticamente o contexto e sua realidade social, situação que acomete principalmente os indivíduos menos favorecidos economicamente.

Na perspectiva crítica, defendida por Freire (1987), é preciso garantir a emancipação aos indivíduos, menos favorecidos economicamente, na esfera social, através de práticas educativas que possibilitem conhecimentos que os levem a aproximação das variedades de usos do sistema de escrita, pois esse processo influencia diretamente nas relações de poder existentes em uma determinada sociedade.

---

<sup>3</sup> Neste trabalho utilizamos o termo alfabetização para definir o processo de decodificação e codificação do código escrito, ou simplesmente a compreensão da relação grafema fonema.

Para Kleiman (1995) o sentido de alfabetização, concebido por Paulo Freire, está relacionado ao processo que leva o indivíduo a organizar reflexivamente seu pensamento, bem como o desenvolvimento de uma consciência crítica da sociedade e das relações que nela se estabelecem, diferente do sentido de alfabetização que a restringe, apenas, às competências individuais no uso e na prática de leitura e escrita.

A partir das considerações de Freire<sup>4</sup> e Kleiman, nos aproximamos do conceito de letramento, um novo conceito, mas de grande relevância na atualidade. O letramento<sup>5</sup> busca enfatizar a importância de não apenas aprender a codificar e decodificar o código linguístico, ou seja, alfabetização, e que converge com um modelo simplificador e fragmentado de conhecimento. Para a concepção de letramento é fundamental ir além, ou seja, utilizar a capacidade de codificar e decodificar nas diferentes situações em que a língua escrita nos é apresentada no meio social, e não apenas em atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

Para Kleiman (2005, p.11) “O letramento não é alfabetização, mas a inclui! Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados”. Entende-se a partir da definição de Kleiman, que os dois conceitos se complementam e são necessários para a formação de indivíduos leitores e escritores, com conhecimentos que permitam aos mesmos utilizarem as competências de leitura e escrita na diversidade de situações práticas que lhes são postas diariamente na vida cotidiana.

Ressaltamos que essa breve explanação sobre o processo inicial de aprendizado da leitura e da escrita, deve-se ao fato de considerarmos esta etapa, do processo escolar, fundamental para a formação exitosa, ou não, do futuro leitor. Acreditamos que a apresentação de bons textos, alinhados com boas situações didáticas de atividades, nesta fase do processo de ensino, podem determinar o futuro da relação entre o leitor e os textos, e consequentemente com a leitura.

---

<sup>4</sup> Em toda a obra de Paulo Freire, embora não tenha utilizado o termo letramento, observa-se que o conceito do mesmo aparece implícito em sua teoria e práticas educativas, uma vez que o processo de alfabetização, para esse teórico, não deveria se resumir apenas à aquisição mecânica da leitura e da escrita, mas a mesma deveria ser considerada instrumento de compreensão das relações de poder que cercam o mundo. Paulo Freire buscava, através de sua metodologia de alfabetização, formar indivíduos críticos e reflexivos, que não apenas codificassem e decodificassem a língua, mas que a utilizassem de modo compreensivo para assumir um papel na sociedade.

<sup>5</sup> Atualmente existem duas posições teóricas em relação à definição de letramento. Aqui concordamos com o posicionamento de Angela Kleiman, Magda Soares e Leda Tfouni, segundo o qual existe uma diferença entre os processos de alfabetização e Letramento, atribuindo assim definições distintas para os mesmos. Outro posicionamento é defendido por Emília Ferreiro, que acredita que no conceito de Letramento está compreendido o processo de alfabetização.

No caso das crianças advindas da classe baixa, a escola pública é, para a grande maioria, o único local de acesso à cultura letrada, dessa forma grande parte do futuro dos alunos, como leitores, vai ser determinada pelas experiências adquiridas pelas práticas de leitura vivenciadas no processo de escolarização, e aqui damos ênfase ao processo de alfabetização.

Sobre a relevância do processo de alfabetização como garantia do direito de ler e acesso à cultura letrada, Castrillón (2011) nos afirma:

Uma vez localizadas as prioridades, e para tanto a sociedade civil pode fazer uma contribuição importante, deveria iniciar-se também com a participação pública, um amplo debate sobre a natureza das ações que poderiam conduzir a uma transformação da escola e da biblioteca. **Transformação essa que habilitasse a escola para alfabetizar, no sentido pleno da palavra, e não somente os setores privilegiados da sociedade, que de toda maneira herdaram, como se herda um patrimônio familiar** – segundo as palavras de Delia Lerner (2001) – sua inserção na cultura letrada. (p. 23) *grifos nossos*.

Dessa forma consideramos essencial que boas práticas de leitura sejam desenvolvidas pelas professoras alfabetizadoras<sup>6</sup>, principalmente pelas professoras que atuam na rede pública, como já enfatizamos anteriormente. Professores que proporcionam boas práticas de leitura podem oportunizar aos alunos boas experiências de leitura.

Castrillón (2011) aponta questões relevantes em relação aos professores, ressaltando que é preciso que os mesmos tenham garantidos, também, o direito a uma boa formação, pois assim poderão ter melhor consciência da necessidade de uma mudança na estrutura social da escola, assim como é preciso garantir a estes professores boas condições de trabalho, ou seja, garantir uma escola bem equipada com bons materiais de leitura a serem oferecidos aos alunos.

A partir de políticas públicas que priorizem os aspectos mencionados acima, formação e estruturação das escolas, poderemos vislumbrar possibilidades de mudanças em relação ao direito de ler e escrever e, conseqüentemente, garantir oportunidades para que a escola se constitua como meio de acesso democrático a leitura e à escrita, e o professor se constitua como mediador entre os alunos e a cultura letrada.

---

<sup>6</sup> Optamos por utilizar o termo professoras alfabetizadoras (gênero feminino), uma vez que esta modalidade de ensino é composta quase que em sua totalidade por mulheres.

Sobre a função do professor como mediador de leitura em sala de aula, Zilberman (2010) propõe:

A primeira medida a ser tomada pelo professor é, portanto, colocar os livros ao alcance dos alunos em sala de aula. A proximidade entre o leitor e o texto, na forma de livro, motiva o interesse e induz a leitura, mesmo no caso de pessoas que ainda não foram alfabetizadas. [...] Se esse princípio é válido para todos os leitores, é ainda mais decisivo no caso das crianças, cuja curiosidade é grande, estando sua atenção voltada para o visual. (p. 149).

Na perspectiva mediadora, proposta por Zilberman, a apresentação, pelo professor, de material de leitura diversificado pode estimular a aprendizagem, e, especificamente, no caso dos anos iniciais do processo escolar, esse aspecto é fundamental para despertar o interesse pelos textos, bem como proporcionar experiências significativas e decisivas para a formação de futuros leitores.

## **BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIO: ESPAÇO E AGENTES DE DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Como mencionamos no início deste trabalho, para a maioria dos indivíduos, embora nem sempre de forma exitosa, a escola é o único ponto de contato com os textos e com a cultura letrada, sendo que para aqueles que não têm oportunidade de ter acesso ou mesmo de permanecer na escola, o contato com o universo letrado torna-se quase impossível. O distanciamento progressivo do ambiente escolar, e letrado, pode assim comprometer, mais ainda, as possibilidades de formação de leitores e o acesso ao conhecimento<sup>7</sup>.

A formação do leitor inicia-se na escola e perdura por toda a vida, pois esse é um processo contínuo de aprendizado. O projeto de formação de um leitor é sempre inconcluso, sendo uma tarefa de construção e desconstrução constante, que se modifica ao longo da sua história em um processo dialético entre vanguardas e permanências. (LAJOLO&ZILBERMAN, 1996).

A partir da explanação de Lajollo e Zilberman, percebemos o quão complexo é o processo de formação de leitores, e mais ainda o quão grande é o desafio de formar leitores,

---

<sup>7</sup> Aqui tratamos de conhecimento científico, artístico e cultural.

especialmente em países periféricos e subdesenvolvidos como o Brasil, onde as políticas públicas de educação, que já não eram boas, estão caminhando para um abismo abissal.

Nesse cenário, não muito propício, a formação de leitores a partir de obras literárias pode ser caracterizada como um movimento de resistência e de transformação, por parte de professores e demais profissionais da educação que aceitam este desafio. Promover ações de almejem formarem leitores na escola, e fora dela, pode ser uma alternativa de resistência.

A história do livro e das bibliotecas é uma história de resistência. Ao longo dos séculos, ambos estiveram à mercê de guerras, censuras, disputas de poder e do desgaste natural. Uma abordagem emanentista da história exposta possibilita compreender o poder dos bibliotecários como guardiões da memória, ao impedir a aproximação de leitores de textos considerados impuros e impróprios. Mas permite igualmente identificar de que forma a ordem moral e religiosa se reveste de significações intencionais para justificar e naturalizar a censura por parte do regime eclesiástico (LE GOLF, 1993).

Durante muito tempo, ainda no período histórico da antiguidade, as bibliotecas não apresentavam a função de divulgar e levar conhecimentos a todos. Dessa forma, a biblioteca foi tratada como depósito de livros, privada de caráter particular, mais preocupada em ocultar informações do que em fazer a mesma circular. Segundo Martins *apud* Santos (2002) nesse período as bibliotecas não tinham a função de difundir os livros e os conhecimentos que neles continham, mas de impedir a disseminação e divulgação dos acervos que abrigava em suas estantes.

Nesse período, antiguidade, o significado etimológico da palavra biblioteca, oriunda do grego *bibliothēke*, trazia impregnado em si todo o sentido e função de criação das mesmas onde *Biblio* significa livro e *teca* significa depósito. Esta era a definição e função das bibliotecas na antiguidade: depósitos de livros.

Na idade média surgem as bibliotecas monacais e universitárias, entretanto, as mesmas ainda mantinham seus acervos limitados à poucos e seletos indivíduos, uma vez que nesse período a habilidade de leitura ainda era muito restrita<sup>8</sup>. Com o surgimento das bibliotecas universitárias, na idade média, surge o bibliotecário como sendo o profissional responsável por organizar as informações existentes nas bibliotecas, entretanto, a função do bibliotecário,

---

<sup>8</sup> Podemos inferir que o fato de as bibliotecas se manterem fechadas em si mesmas por tanto tempo, pode ter contribuído para a limitação à poucos das habilidades de leitura e escrita. O fato de não divulgação do material impresso contribuiu para impossibilitar a disseminação do ato de ler.

de disseminador do conhecimento, somente se consolidou no Renascimento. (SANTOS, 2012)

Com o advento da tipografia e fabricação de livros em série, as bibliotecas iniciam o lento processo no caminho que a levasse a convergir para sua real natureza, natureza social, pública, laica e democrática. Martins (1996, p. 82) apresenta a seguinte classificação para as bibliotecas da Idade Média, conforme sua entidade mantenedora: [...] as bibliotecas monacais (e entre elas incluiremos, não só por afinidade como por suas origens históricas, a Vaticana), as bibliotecas das universidades e as bibliotecas particulares (mesmo as que eram constituídas pelos reis e grandes senhores pertenciam-lhes a título por assim dizer privado ou pessoal; só mais tarde é que, por força de uma evolução natural, elas se transformaram em bibliotecas ‘oficiais’ e públicas).

Embora a história das bibliotecas remonte à antiguidade, é no Renascimento é que surge a figura do bibliotecário como mediador entre a comunidade escolar e não escolar e o conhecimento; também é no Renascimento que se inicia o processo de acessibilidade dos acervos e também, o lento, processo de democratização do ato de ler.

Na perspectiva de universalizar a cultura letrada, Castrillón (2011) nos apresenta a responsabilidade social das bibliotecas como instrumento de democratização da leitura, e conseqüentemente uma democratização de conhecimento, possibilitando o exercício pleno da cidadania.

Democratizar o acesso à leitura, por meio das bibliotecas<sup>9</sup>, pode ser considerado um grande desafio na atualidade. Nessa perspectiva enfatizamos a função social que passa a ser atribuída ao bibliotecário, profissional que deve buscar meios que oportunizem o acesso à informação e à aprendizagem, transformando assim a biblioteca em espaço de socialização do conhecimento.

Sob este prisma, a biblioteca deve buscar assumir o sua função social indo de encontro aos anseios da comunidade, permitindo o acesso e possibilitando a criação de espaços de convivência na biblioteca. Sobre a função social que deve ser desempenhada pela biblioteca pública, Castrillón (2011) nos afirma:

Um país requer bibliotecas que possam ir mais além desse plano mínimo de trabalho. Bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertam em meios contra

---

<sup>9</sup> Referimo-nos aqui às bibliotecas públicas e também às bibliotecas de instituições públicas escolares de educação básica e superior.

a exclusão social, isto é, que se constituam em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas. (p.36)

Da mesma forma que consideramos relevante criar um espaço de discussão e reflexão sobre questões sociais nas bibliotecas, também, reconhecemos a relevância, através da figura do bibliotecário, da promoção de meios de levar a informação e o conhecimento para fora do espaço físico da biblioteca, como forma de combater a exclusão social, e dessa forma alcançar àqueles que ainda não utilizam a biblioteca como aliada na construção do conhecimento, na melhoria da qualidade de vida e de transformação social.

Sobre o poder da informação para melhoria da qualidade de vida das pessoas, Castrillón (2011) cita o bibliotecário brasileiro Emir Suaiden, em uma fala pronunciada em uma conferência em Madri “É cada vez mais claro que em mundo globalizado somente as pessoas com acesso à informação e ao conhecimento terão reais oportunidades para melhorar sua qualidade de vida” (p.37).

Faz-se necessário ampliar as ações das bibliotecas, no sentido de contribuir para inserção de todos na vida social e política e conseqüentemente para o exercício pleno da democracia, contribuindo para a cidadania, esse é, ou deve ser, o desejo das bibliotecas e de todo bibliotecário. (CASTRILLÓN, 2011)

A partir do exposto, podemos inferir o quão relevante se torna a figura do bibliotecário, que assim como o professor tem a responsabilidade de mediador do conhecimento. A visão de um profissional técnico, que organiza e cataloga livros em um espaço fechado, deve ser superada no sentido de este profissional ter um compromisso ético e político na democratização do conhecimento.

Sobre as responsabilidades do bibliotecário, como agente de democratização do conhecimento Castrillón (2011), enumera três responsabilidades:

**Em primeiro lugar**, organizar debates públicos que não se pareçam com um espetáculo, nem cujos temas sejam decididos exclusivamente por sua atualidade, mas sim por sua necessidade. Temas que tenham a ver com os problemas do dia a dia, mas também com outros menos conjunturais. **Em segundo lugar**, não se contentar com o público dos já iniciados que chega espontaneamente à biblioteca ou com o dos obrigados pela tarefa escolar, mas sim desenhar ações para que a biblioteca chegue àqueles que se sentem excluídos das atividades relacionadas com o pensamento ou com opções de



avida inscritas na sociedade majoritária. **Uma terceira responsabilidade** que eu qualificaria de ética, refere-se à seleção de livros e à aquisição de outros materiais, escolha que também dá conta da orientação e do perfil da biblioteca e pode constituir uma forma de censura. Cuidar com especial esmero dessa seleção. (45-46) *grifos nossos*.

A partir das responsabilidades, enumeradas acima, percebemos o quanto importante e necessária é a função do bibliotecário, não somente para o espaço da biblioteca ou da escola, mas para o desenvolvimento intelectual de toda uma sociedade. A seguir apresentaremos uma análise, a partir de um projeto desenvolvido por uma bibliotecária de uma universidade pública, que converge para a segunda responsabilidade elencada por Castrillón, a de levar à informação para fora da biblioteca.

## **PROJETO PARADA LITERÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA EM IMPERATRIZ/MA**

O projeto parada literária surgiu a partir da necessidade de buscar promover o contato com a cultura letrada, a partir possibilidade da utilização de livros no terminal da integração de ônibus de Imperatriz, por parte dos usuários de transporte coletivo na cidade e regiões vizinhas atendidas pelas respectivas linhas de ônibus. Ressaltamos que esta não é uma proposta original, que projetos similares já foram desenvolvidos, ou se encontram em desenvolvimento, em outras cidades brasileiras.

Tendo em vista, que há uma frequência de doações de livros na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, mas nem tudo que é doada pode ser inserido no acervo, frente à política de desenvolvimento e formação do acervo, a bibliotecária idealizou um projeto que fizesse com que os esses livros doados fossem utilizados. Diante disto, sabe-se que grande parte dos alunos da UFMA passam pelo Terminal de Integração de Ônibus, e esse terminal fica à quatrocentos metros do Campus da UFMA Imperatriz Unidade Centro. Logo, facilitaria a distribuição dos livros, bem como, atenderia ao público ao qual o projeto era destinado.

O projeto consistiu na alocação de um armário de aço no Terminal de Integração, onde foram disponibilizados livros para autoempréstimo<sup>10</sup>, aberto durante o horário de funcionamento no terminal situado no centro da cidade. Os objetivos com esta iniciativa foram:

- Fomentar o hábito pela leitura;
- Despertar potenciais leitores;
- Proporcionar lazer para usuários do terminal na espera e no percurso do transporte;
- Promover a cultura de uso das bibliotecas;
- Resgatar valores de responsabilidade coletiva e apreciação da literatura.

O armário de aço foi uma doação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, sendo adesivado com a logomarca do projeto e das entidades apoiadoras, Instituto Federal do Maranhão – IFMA. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC contribuiu com a confecção de vinte camisetas para serem usadas pelas pessoas envolvidas no projeto, sendo nove pessoas envolvidas diretamente e onze apoiadores.

Os livros disponibilizados versavam sobre diversas áreas de conhecimento, como: romance, poesia, crônicas, literatura brasileira, literatura inglesa, economia, educação financeira, psicologia, matemática, redação, português, dentre outras, e cada usuário poderia retirar do armário a obra selecionada e devolver a mesma ao término da leitura. Foram feitas algumas recomendações, como levar um livro por vez; não ficar muito tempo com o livro em casa; manter o armário organizado, entre outras.

As ações do projeto tiveram início no dia 07 de fevereiro de 2017, com ampla divulgação na mídia local e com o apoio das entidades envolvidas UFMA, IFMA, SENAC e da empresa Rio Anil Transportes – RATRANS.

Para se tornar sustentável o projeto contou com a parceria das instituições envolvidas através de doações. Os livros que são doados na Biblioteca Setorial da UFMA de Imperatriz, e que não podem ser inseridos no acervo por não se adequarem à política de formação e desenvolvimento das coleções foram doados para o projeto.

---

<sup>10</sup> No cartaz do projeto dizia: pegue leve, devolva quando puder. No auto empréstimo os usuários pegavam e levavam o livro que escolhessem sem nenhum registro. Alguns devolviam outros não. O importante é que os livros eram utilizados.

Após a doação, os livros foram catalogados e carimbados, sendo que cada livro disponibilizado, no armário do terminal, continha carimbo com número de registro, logomarca do projeto e carimbo de proibida a venda do material em sebos e livrarias. No livro também constava um carimbo com informações sobre como conservar o material e contato dos responsáveis pelo projeto.

No dia da implementação do projeto, foram afixados cartazes nos ônibus como forma de despertar a curiosidade dos usuários do terminal, bem como, motoristas, funcionários e vendedores ambulantes que atuam no entorno. Nos cartazes foram explicitados os procedimentos de empréstimo e informações sobre o funcionamento do projeto e orientações ao usuário para uma boa utilização do serviço.

Foto 1 – Cartaz de lançamento do Projeto.



Fonte: arquivo pessoal

Ressaltamos aqui que através do projeto as instituições envolvidas, UFMA, IFMA, SENAC e RATRANS, estabeleceram uma relação de confiança com a população para utilização e manutenção do acervo disponibilizado.

O acervo inicial contou com 233 títulos, sendo este acervo reabastecido a cada quinze dias, com uma média de sessenta itens. Além das instituições envolvidas, foram recebidas

doações da Academia Imperatrizense de Letras – AIL, Clubes de livros e professores que compartilharam os objetivos do projeto.

Foto 2 Cartaz de auto empréstimo



Fonte: arquivo pessoal

Foto 3 – Armário de livros no Terminal da Integração de ônibus



Fonte: arquivo pessoal

Foto 4 Dia do lançamento do Projeto



Fonte: arquivo pessoal

Após quatro meses de efetivação do projeto, decidiu-se trocar o armário por uma estante menor e sem portas, pois, infelizmente, o armário de aço estava sendo utilizado para outros fins, além de guardar os livros, como coisas perdidas no terminal e utensílios pessoais de funcionários do terminal.

O projeto teve duração de um ano e meio, encerrando suas atividades em 23 de agosto de 2018. As principais dificuldades na manutenção do projeto foram: transporte de livros da biblioteca da UFMA para o terminal, demanda de mais pessoas para comporem equipe; não devolução dos livros pelos usuários e desvalorização por parte de alguns com cuidados em relação ao acervo disponibilizado.

A não devolução dos livros ao acervo reflete a não consciência de alguns usuários em relação ao sistema de auto empréstimo, demonstrando que a proposta não foi bem compreendida como uma responsabilidade que cada um tinha em relação aos livros, que estavam disponibilizados para todos. Entretanto, podemos ressaltar como positivo o fato de que os livros foram utilizados, embora por um único usuário.

Embora não tenha tido continuidade, o projeto possibilitou levar a biblioteca para fora do espaço convencional, oportunizando o acesso à leitura e buscando privilegiar o leitor

através da promoção da leitura, disponibilizando um acervo de livros variados, sem custo, para as pessoas que circulam no terminal de ônibus.

O projeto buscou assim promover o contato das pessoas com os livros e o conhecimento neles contidos, como parcela de contribuição para o acesso á cultura letrada, que deve ser um direito de todos que integram a sociedade, independente da classe social que ocupam, oportunizando, através da leitura, a possibilidade de uma construção de uma visão crítica da realidade social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na perspectiva de democratização do conhecimento, reconhecemos que é necessário e urgente que o potencial da biblioteca e do bibliotecário seja utilizado ao máximo possível, tendo como objetivo promover o contato de todos com a leitura através dos acervos que disponibilizam em seus espaços.

A biblioteca, independente do contexto que esteja inserida, é um espaço de aprendizagem, de desenvolvimento pessoal e ampliação do conhecimento. O bibliotecário, por sua vez, um profissional com ensino superior, possui as habilidades para tornar esse espaço mais dinâmico e rico, devendo utilizar-se dos livros como ferramenta, independente do suporte físico, para facilitar o acesso à informação, pois de nada vale muitos livros sem leitores que os leiam.

Sendo a biblioteca um espaço de conhecimento e de socialização desse conhecimento, as práticas realizadas não podem fechar-se ao tecnicismo; ao contrário, devem-se priorizar condições para que os indivíduos percebam a importância da biblioteca no fomento às transformações individuais e sociais. Portanto, é papel das bibliotecas e dos bibliotecários serem agentes de transformação social, possibilitando acesso mais fácil aos seus acervos, buscando promover a leitura e privilegiando o leitor, contribuindo assim para a formação crítica dos cidadãos e de uma sociedade mais democrática.

Em uma perspectiva de transformação e emancipação, Paulo Freire (1987) considera a leitura, assim como a escrita, como elementos de transformação, que podem modificar a realidade social, que possibilita ao indivíduo pensar criticamente e reflexivamente sobre o mundo à sua volta, e principalmente, como instrumento de combate a exclusão social.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Damazio Alonso. **Etnografia na prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995. Série Prática Pedagógica.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Angela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever**. Brasília, MEC, 2005.

\_\_\_\_\_. Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In **os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Angela Kleiman (org.) Campinas, SP: Mercado das letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

LAJOLO, Marina, ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. Série Temas. Volume 58. Literatura brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LE GOLF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTINS, W. A palavra escrita: história do livro, imprensa e da biblioteca. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Josiel Machado. **O processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento**. In Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibex, 2010. Série Literatura em foco.